



O Cordel como interpretação da Amazônia: ideias, imaginário e pensamento social¹.

Gabriela Gomes Pereira²

Resumo

Partindo da ideia de que a Literatura pode ser uma ferramenta de leitura da vida social, o presente trabalho tem como objetivo analisar como a Amazônia é descrita, criada e interpretada na Literatura de Cordel. A partir da interligação entre texto e contexto, envolvendo o movimento das ideias, do imaginário e da produção de pensamento social, o cordel, além de fornecer uma interpretação da região e dos seus tipos sociais, torna-se uma ferramenta capaz de dar voz aos invisibilizados, aos subalternos. Para além, o cordel fornece uma forma de pensamento social sobre a região, desta vez não estritamente pelos ditos “letrados”, mas pela voz dos subalternos, pois descreve, interpreta, cria e recria a Amazônia.

Palavras-chave

Amazônia; Cordel; Imaginário;

Introdução

A relação entre pesquisa e biografia muitas vezes é ignorada por grande parte do meio intelectual, seja por ser uma questão de delimitação de campos, seja por ser uma questão de escolha. No caso específico desta pesquisa em andamento, tal relação biográfica aconteceu de forma inevitável e despercebida, e talvez só tenha acontecido porque o meu olhar já estava impregnado com o poder da reflexão das Ciências Sociais.

Certa tarde do ano de 2017 encontrei um pequeno livro encadernado, folhee e me deparei com os cordéis que meu avô escreveu há algum tempo. Ele, antes de falecer, entregou para alguns de seus filhos os escritos. Embora eu soubesse desde pequena sobre seus versos, nunca tinha percebido tamanha riqueza, tanto de texto quanto de contexto. A partir das Ciências Sociais enxerguei ali algo de muito interessante, algo

¹ Trabalho apresentado no GT7 (INTERDISCIPLINARIDADE, INSTITUCIONALIDADE E DESAFIOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NA PAN-AMAZÔNIA) do III Siscultura.

² Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: gabriela.csociais@gmail.com



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



além daquelas rimas e me propus a pesquisar sobre o assunto. Logo, um mundo se abriu e este é um pequeno resultado de minhas reflexões até aqui. Embora no decorrer do texto eu cite alguns versos de meu avô, este trabalho não se limita apenas aos versos dele, ao contrário, seus cordéis foram um incentivo para começar a pesquisar sobre o assunto e expandir os horizontes da pesquisa.

Dito isto, este trabalho surge a partir da relação entre biografia e pesquisa. A abordagem parte da ideia de que a Literatura pode fornecer uma leitura da vida social, a partir da interligação entre texto e contexto – que englobam o movimento das ideias, do imaginário e produz pensamento social – para compreender como a Amazônia é descrita, interpretada, criada e recriada na Literatura de Cordel, isto é, como é possível, através dos versos, ler a Amazônia e os sujeitos que aqui viveram e ainda vivem.

A Amazônia sendo o palco principal de reprodução do capital financeiro a nível nacional e mundial entre os séculos XIX e XX com o *boom* da extração de látex é inventada como uma região de grandes possibilidades para melhorar a vida das populações locais e as do Nordeste. Logo, o período histórico de chegada do cordel na região está interligado a esses processos sociais, políticos e econômicos de expansão e reprodução do capitalismo, montada estrategicamente na busca de mão de obra barata e necessitada, como a da região Nordeste. Ao chegarem aqui, a realidade se mostra de outra maneira e a desilusão é descrita em versos, fazendo do cordel uma ferramenta que dá voz aos ditos *subalternos*.

A partir disso, enveredamos sobre a importância da literatura de maneira histórico-sociológica e não apenas de criação, interligando texto e contexto, movimento das ideias e imaginário, resultando em formas de pensamento social. O cordel insere-se nessa perspectiva, pois é uma literatura que fornece uma leitura da Amazônia e da situação dessas populações que aqui chegaram, os versos são formados a partir do movimento das ideias, estas que chegaram aqui e se modificaram, alterando também o imaginário, por fim, produzindo uma forma de pensamento social sobre a região, pois descrevem, interpretam, criam e recriam a Amazônia. Dessa forma, ao escolher a literatura de cordel para ler a Amazônia, é pelo fato de que esse tipo de literatura se apresenta reveladora de vários processos sociais, culturais, políticos e econômicos sobre a região, que continuam atuais.



1. O Texto e o Contexto: A relação entre Literatura e Sociedade

O texto literário é uma das ferramentas de leitura da vida social ou da realidade. Através dele é possível encontrar estruturas fundamentadas no imaginário e na representação. O conceito de imaginário é essencial às reflexões sobre cultura e representação, segundo João de Jesus Paes Loureiro (1995), o imaginário pode ser entendido como a maneira do ser humano fixar a sua existência, ou seja, nada mais é do que produção humana a partir da realidade. Ao observar um rio, a floresta, os animais e interligar-se a eles, o ser humano está produzindo imaginário, ao mesmo tempo em que esses elementos já não são mais os mesmos.

As formas de produção do imaginário estão presentes na música, no teatro, no cinema, na literatura, etc. Logo, é importante salientar que o processo de criação é livre, pois o autor cria e recria a realidade a partir do imaginário. Com relação à obra literária, existe o *texto* – que dá estrutura à obra – e o *contexto* – que é o exterior, a realidade social –, os dois entrelaçados são essenciais para a compreensão da totalidade da obra (CANDIDO, 2010). Dialeticamente o contexto se transforma em texto ao dar o conteúdo para a formação do texto literário, logo, o externo (contexto) tem um papel essencial na constituição da narrativa literária.

Com isso, é possível refletir sobre a relação entre literatura e sociedade, não somente a respeito da criação da obra literária, mas pensar a literatura como uma leitura da vida social (GOLDMANN, 1991), em relação ao nosso objeto de pesquisa, como uma leitura da Amazônia.

A Amazônia pode ser lida e interpretada por diferentes gêneros literários, sejam eles de ordem estritamente científica ou de ordem literária. No geral, a literatura existente sobre a região é muito vasta, desde os primeiros viajantes europeus, entre os séculos XVI e XVII, até os estudos existentes atualmente, afinal, a Amazônia é de grande complexidade hidrográfica, climática, vegetal e animal, o que a faz se tornar uma região cheia de surpresas (NEVES, 2011). Apresenta-se surpreendente, misteriosa e atrativa a nível nacional e mundial, sendo o palco principal dos processos de



reprodução do capitalismo, capazes de interligar e modificar necessidades nacionais em prol do capital financeiro.

Todos os processos existentes na imensa complexidade da Amazônia podem ser lidos e interpretados pela literatura, pois constroem imaginário, modificam modos de ser e viver na região, logo, alteram percepções e modificam o próprio imaginário (LOUREIRO, 1995). O contexto se modifica, assim, como o texto também irá se modificar na obra literária, e a leitura da região será outra. Nesse sentido, focalizamos em ler a Amazônia pela literatura de cordel, uma literatura que não é originária da região, chega aqui se alterando, o imaginário caminha se modificando.

Originária do Nordeste, mais precisamente em Recife³ entre os séculos XIX e XX, a literatura de cordel é definida como uma poesia fixa e que possui uma técnica (LUCIANO, 2012) a partir da disposição lógica dos seus versos em sextilhas, setilhas ou décimas. Não se define apenas pela ótica da narração, da cantoria e dos folhetos impressos, muito menos pelo seu conteúdo, mas sim pela técnica de construção dos versos. Para além do texto e do contexto, dos autores e dos receptores e da sua forma de transmissão, a literatura de cordel se caracteriza como uma das formas literárias nas quais podemos fazer uma leitura da realidade social, no caso específico de nossa pesquisa, da realidade amazônica, pois a vinda dessa literatura para a região está interligada a processos sociais, políticos e econômicos vigentes da região de origem – o nordeste – e da nossa própria região, capazes de modificar a estrutura social e o imaginário de ambos os lados.

1.1 O Cordel na Amazônia

O cordel chega à Amazônia entre os séculos XIX e XX na época do ciclo da borracha, juntamente com os migrantes nordestinos em direção aos seringais. A situação econômica, política e social na qual se encontrava a região Nordeste, fez com que os nordestinos começassem a migrar para a Amazônia em busca de melhorias de vida. O

³ LUCIANO, Aderaldo. **História crítica do cordel brasileiro**. São Paulo, Editora Luzeiro, 2012.



marco do processo migratório foi a seca de 1877 (SALLES, 1985) em que o fluxo de nordestinos para a Amazônia intensificou-se. Além disso, houve estratégia governamental de *entregar* a região ao capital financeiro inglês, influenciando o processo migratório através de intensa propaganda⁴.

A estratégia em prática criou no imaginário social a Amazônia como alternativa de melhoria de vida para a população nordestina, pelo fato de ser uma região a propiciar riqueza em um curto período de tempo: a extração da borracha. Dada a necessidade de explorar a borracha, o governo patrocinava uma campanha de recrutamento de mão de obra, prometendo boas condições de vida e financiando passagens e despesas daqueles migrantes dispostos a aventurar-se. No entanto, o destino dessa população e do Brasil era servir de mão de obra para a Inglaterra, a maior potência industrial do século XIX, bem como a detentora do processo de extração do látex.

Sendo detentora do controle da produção e extração da borracha, a Inglaterra transplantou sementes de *hevea brasilienses* para suas colônias no Oriente (SALLES, 1985), ocasionando a crise da borracha na Amazônia em 1910 e diminuindo o fluxo de nordestinos para a região. Com relação ao fluxo de nordestinos para a região, é importante dizer que ao chegarem à Amazônia a ideia criada no imaginário desses sujeitos logo se desfazia ao adentrarem nos seringais. A condição de vida, as relações de trabalho logo se mostravam difíceis e movidas por grandes dívidas entre os subalternos e patrões, isto é, entre seringueiros e seringalistas. A crise da borracha só veio a intensificar a verdade sobre a região.

Em meio a todos esses processos, a literatura de cordel estava adentrando a Amazônia, seja em versos idealizados sobre a região, seja em versos que já descreviam a verdade sobre a realidade dos nordestinos aqui presentes. Tais processos modificaram a realidade da região e dos sujeitos, recriaram o imaginário coletivo acerca da Amazônia, que pode ser observado no trecho abaixo do cordel extraído do livro de Vicente Salles, do autor Rodrigues de Carvalho, data antes de 1903.

Despedida do Seringueiro

⁴ UMBELINO, Ariovaldo. **Integrar para não entregar: políticas públicas e Amazônia**. Campinas, Editora Papyrus, 1988.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Vou-me embora, vou-me
embora

Pra minha terra natal,
Diabo leve a seringa
E o dono do seringal;
Que na minha terra eu como
Sem despende um real!

Lá plantava a mandioca,
A melancia, o melão,
Mondubim e macacheira,
Por entre milho e o feijão,
Remexia na patrona,
Não me faltava um tostão.

Nesta terra de miséria,
De riqueza apregoada
Que parece ser mentira
De uma rude caçada,
Eu não quero mais viver,
Vou tocando em retirada

De carne velha inda levo
Minha barriga inflamada
De gordas só levo as pernas,
De uma moléstia malvada;
Dinheiro... nem um vintém
Só levo conta e... mais nada.

(...)

No trecho acima podemos identificar uma série de elementos que descrevem a realidade do nordestino e da Amazônia no período da decadência do ciclo da borracha. O poeta cordelista encontra-se desiludido com as promessas de elevação social e econômica prometidas, optando por voltar a sua região de origem, chegando a amaldiçoar a seringa e o seringueiro, comparando o seu modo de vida no Nordeste com a situação que estava vivendo na Amazônia, além de descrever sua situação como ser humano estilhaçado pelos processos de reprodução do capitalismo.

Terminado o primeiro ciclo da borracha, o fluxo de migrantes diminuiu consideravelmente. No entanto, nos anos da Segunda Guerra Mundial outro ciclo de extração do látex se iniciou a partir da migração dirigida, mais uma vez pelo governo federal. Isto porque as colônias do Oriente tinham sido ocupadas pelos japoneses, deixando os Aliados sem suprimentos para a indústria bélica (SALLES, 1985). A partir do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia, os novos “soldados da borracha” chegavam mais uma vez à região em busca de melhorias de



vida, quando na verdade a sua força de trabalho foi estritamente dirigida à vitória dos Aliados e do capital financeiro mundial.

Oração do Seringueiro

Seringueira! Seringueira!
Abençoada por Deus,
Apesar de não ter seios,
Tanto leite já me deu,
O teu sangue é alimento,
É a vida dos filhos teus.

Companheira Seringueira!
Eu quero te abraçar!
Desde criança eu sonhava,
Contigo me encontrar,
Tu na floresta Amazônica,
E eu no Marapatá.

Tu te chamas Seringueira!
E eu, seringueiro sou,
Tu vês o meu sofrimento,
E eu vejo a tua dor!
Eis uma mãe caprichosa,
Que a Natureza criou!

Nós somos da mesma terra,
Onde canta o sabiá,
Bebemos a mesma água

Barrenta do Juruá,
Esse rio sinuoso
Estrada do meu altar!

Seringueira minha amiga!
Pra vergonha da nação,
Hoje vive abandonado,
O seringueiro e o patrão
Sem assistência de vida
Ao homem da região.

Seringueira, mãe nativa,
Que tanto me sustentou,
Foste a veia da riqueza
De um Estado produtor,
O El-Dorado de um povo,
Um sonho que terminou.

Seringueira à Amazonas,
Que em árvore se transformou
Índia nativa valente,
Que sua vida doou,
Alternativa encontrada
Pro povo que tanto amou.

Encontramos uma Amazônia dentro desse cordel. Uma Amazônia bela, mas violentada. A Amazônia como uma mulher é a metáfora utilizada na obra teatral “As



folias do Látex” de Márcio Souza, uma Amazônia rodeada de conquistadores, que a apreciam, mas não lhe dão voz, não dão condições para o seu povo e seus filhos, amam a sua riqueza com o propósito de reproduzirem o capital mundial. Não é diferente em *Oração do Seringueiro*. A *Seringueira* aparece como uma mulher que deu leite aos seus filhos seringueiros, a mãe que sofreu e viu os filhos sofrerem em prol do “povo que tanto amou”, em prol da ideia falsa de *desenvolvimento* da região.

Os processos formam os elementos. A leitura da Amazônia, a representação e o imaginário também são formados. O texto e o contexto aparecem nitidamente na construção da poesia acima, porque os processos sociais, políticos e econômicos perpassam toda a construção da seringueira como uma mãe cheia de dor, o seringueiro como sofredor, os dois elementos que doaram a vida ao país e ao mundo.

Escrito por Francisco Walter Corrêa Pereira, a poesia de cordel acima possui uma ligação biográfica com a autora do artigo, pois este era meu avô. Encontrei alguns escritos em forma de cordel na casa de uma de minhas tias. Não há a data de escrita do poema.

2. O Cordel, as ideias e o Pensamento Social na Amazônia.

Dentro do universo do imaginário estão as ideias. As ideias se movimentam pelos seres humanos e pelo espaço, são criadas e recriadas, criam e recriam o próprio imaginário. Tornam-se identidade, representação e cultura, ou seja, passam a regir as maneiras de pensar, agir e sentir. As ideias são um fato social.

As ideias formam o pensamento social antes de ser elaborado pelos ditos “letrados” porque são as maneiras como uma sociedade constrói a si mesma a partir da interpretação e reconstrução da realidade em que está inserida. Ou seja, o pensamento social começa a existir no plano das ideias produzindo imaginário. Segundo Renan Freitas (2015), o pensamento social é construído coletivamente e historicamente.

Assim como há os intelectuais que produziram interpretações sobre o Brasil e sobre a Amazônia, a literatura de cordel além de ser uma leitura da Amazônia e do Brasil, também pode ser considerada como pensamento social porque apreende, compreende e interpreta as ideias, une texto e contexto para a compreensão da realidade



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



e da própria obra, é construída coletivamente e historicamente. Por meio de versos é possível tecer interpretações sobre o Brasil, sobre o Nordeste e sobre a Amazônia.

A literatura de cordel é produzida pelo imaginário, as ideias de Amazônia viajaram até o Nordeste, trazendo os sujeitos para a região, e aqui se modificaram, foram recriadas e reinterpretadas. As ideias de Nordeste se modificaram, assim como as ideias de Amazônia. E no meio de tantas viagens dessas ideias, criou-se um novo imaginário sobre as duas regiões. Mas para, além disso, as ideias criadas e recriadas possuem grande conteúdo de elementos capazes de nos fazer compreender a realidade dos sujeitos e das duas regiões, por isso também se constitui como pensamento social porque fornece uma interpretação e compreensão do Brasil, do Nordeste e da Amazônia. Ou seja, o cordel e os cordelistas também são intérpretes do Brasil. Transformam ideias, eventos desastrosos em pensamento, assim como também imaginam, recriam dando beleza à realidade. O cordel na Amazônia, assim como no Nordeste, pode ser definido como a narrativa dos subalternos. O movimento das ideias se modifica, pois os invisibilizados produzem pensamento e interpretação sobre a realidade.

A vida de um Seringueiro

Nasci na grande floresta

Brinquei, lutei, fui feliz

Trabalhava nesta selva

Ao cântico dos bem-te-vis

Ouvindo o ronco das onças

A víbora, nunca me quis.

Seguia ao romper da aurora,

Na vida dos seringais,

Cortando árvore por árvore,

No meio dos matagais

Ouvindo o pio do Acuã,

O pássaro que agouro traz.

Logo após ouvia um grito,

Era o senhor capelão,

Acordando a guaribada,

Macacos deste sertão

De uma Amazônia de lendas,

Histórias e encantação.

Chegava, eram dez horas,

De corte da estradinha,

Pegava logo no pinho,



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Pontilhava uma modinha
A nega servia o almoço,
Pacu, mandim e sardinha.

Sentada na paxiúba,
Da cozinha da choupana,
A nega me perguntava
Pela madeira fulana
“Meu veio, você cortou...
Aquela seringarana?”

Trocava faca por balde,
Saía em outra missão,
Me despedia da Nega,
Mulher do meu coração,
Eu ia colher o leite,
Com a melhor intenção

Solitário na floresta,
No meio da solidão,
Tirava do peito um grito,
Rasgando a imensidão,
Procurando um companheiro
Para comunicação

(...)

Aviação era o rancho...
Que o seringueiro fazia
Era troca da borracha
Pelo pão de cada dia,
Porque naquele sistema,

Dinheiro pouco se via

O patrão representava...
O senhor da região.
Era padre e juiz
Médico e tabelião
Delegado justiceiro,
Daquela população.

Seringalista era uma classe,
Que tinha grande valor,
Pertenciam a uma elite
De homem trabalhador
Geravam a economia
De um Estado produtor.

(...)

Na época das grandes guerras,
Borracha tinha muito valor
O Amazonas era forte
Um Estado produtor
O El-dourado cantado,
Sonho que terminou.

Nesse período existiu
A migração nordestina,
Motivada pela seca
Que causava desatino
Trazendo nossos irmãos
Em busca de outro destino.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



O nosso irmão nordestino,
Abandonou o sertão,
Ao chegar no Amazonas,
Viu que tudo era ilusão
Ele foi responsável
Da nossa integração.

Esse bravo brasileiro,
Soube superar a dor
Vencendo os obstáculos
Demonstrou o seu valor,
Construiu aqui, família
Com muita paz e amor.

(...)

O progresso foi chegando
Trouxe a devastação
Destruindo o que era belo
Em forma de opressão
Alternativa de vida
Do homem da região.

(...)

Os famosos seringais
Foram todos abandonados,
Transformando a floresta
Em campo dos desolados
Onde o homem sem destino

Foi sempre discriminado.

A Europa e a Ásia
Passaram a ser produtor
Surgiu um novo mercado
Bastante competidor
A borracha já não tinha
Aquele grande valor.

Ficam as choupanas vazias
Partimos para não voltar mais
Deixando naquela terra
Os ossos de nossos pais
E uma saudade eterna
De um mundo de muita paz.

(...)

Nasce o segundo ciclo,
Zona Franca de Manaus,
Esperanças renascidas
De um povo sofredor
Um direito adquirido
Defendido com fervor.

Os sonhos e ilusões,
Que transformaram em dor,
Renasciam na cidade,
Pro homem trabalhador
Esquecendo os sofrimentos
Vividos no interior



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Hoje eu vejo com tristezas
Como está o interior,
E me lembro com saudades,
Do tempo que se passou
Ficando só as lembranças
De tudo que se passou
De tudo que terminou

Agora fico esperando
A última luz se apagar,

E dou “adeus” a floresta,
Pensando no que vai restar
Desse belo santuário
Onde eu tive o meu lar.

O cordel acima de autoria de Francisco Walter Pereira, sem datação, narra praticamente todo o processo de vinda dos nordestinos para a Amazônia, além de encontrarmos nos versos a construção de um imaginário amazônico a partir do modo de vida do seringueiro em busca de sua sobrevivência e de sua família na floresta. Apresenta tipos sociais, como o seringueiro, o seringalista, o nordestino e posições sociais de ambos, bem como os processos sociais, políticos e econômicos pelos quais a região estava passando – a migração nordestina, o ciclo da borracha, a ilusão das ideias de progresso, o fim do “boom” do látex com o crescimento das plantações no Oriente, o abandono dos seringais e o nascimento de um novo ciclo: a Zona Franca de Manaus –.

Todos os elementos presentes no cordel acima são ideias que se construíram coletivamente e historicamente, ideias desastrosas e ideias belas que compõem o pensamento social, pois são elementos que além de contarem a história de um seringueiro, de seus modos de vida e dos processos sociais ocorridos na região, interpretam e nos ajudam a compreender uma parcela da Amazônia, tendo como narrador um subalterno – o seringueiro – responsável pela construção e reconstrução de si mesmo, do seu imaginário e da região.

Com isso, reafirmo o cordel como uma forma de pensamento social sobre a Amazônia e sobre o Brasil, capaz de nos fornecer um grande acervo de compreensão e interpretação. Além disso, chamo a atenção para a observação do movimento das ideias



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



a partir da experiência, do simbólico, das tradições, das narrativas dos sujeitos, que produzem e formam ideias, maneiras de sentir, agir e pensar sobre a realidade social. No caso da literatura de cordel, exprimem e reinventam a realidade a partir de versos, transformando o estado da arte em conteúdo imaginário para a interpretação do Brasil e da Amazônia.



Referências bibliográficas

- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Editora Ouro Sobre Azul, 11ª Ed. 2010.
- CUNHA, Euclides da. **Amazônia: um paraíso perdido**. Editora: EDUA, 2003.
- FREITAS SILVA, M. C. **O Paiz do Amazonas**. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2012.
- GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991
- Gondim, NEIDE. **A invenção da Amazônia**. Editora Valer, 340 p., 2ª edição, Manaus. 2007.
- GUILLEN, Isabel C. M. Cantadores das viagens. A literatura de cordel e a experiência da migração nordestina para a Amazônia. In: **VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Porto, 2000.
- LUCIANO, Aderaldo. **História crítica do cordel brasileiro**. São Paulo, Editora Luzeiro, 2012.
- NASCIMENTO, Maria das Graças. Migrações nordestinas para a Amazônia. **Revista de Educação, cultura e meio ambiente** – Dez nº 12, vol. II, 1998.
- NEVES, Auricléia Oliveira das. **Amazônia na visão dos viajantes dos séculos XVI e XVII**. Editora Valer, 2011.
- PAES LOUREIRO, Jesus João de. **Cultura Amazônica – Uma poética do imaginário**. Editora Cejup, 1995.
- PINTO, R. F. Pensamento social brasileiro na Amazônia. **Revista TEXTOS&DEBATES**, Boa vista, n. 27, v. 01, p. 13-20, jan./jun. 2015
- PINTO, R.F. **Viagem das ideias**. Editora Valer, Manaus, 2008.
- SALLES, Vicente. **Repente & Cordel: Literatura popular em versos na Amazônia**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- SOUZA, M. **As folhas do látex**. 3. Ed. Manaus: Valer, 2007.
- UMBELINO, Ariovaldo. **Integrar para não entregar: políticas públicas e Amazônia**. Campinas, Editora Papyrus, 1988.